

O spleen e o luto

Juliana Schmitt



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1810>

DOI: 10.4000/pontourbe.1810

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Juliana Schmitt, « O spleen e o luto », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1810> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1810

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

O spleen e o luto

Juliana Schmitt

- 1 O duque Jean des Esseintes¹ olhava com excitação para sua mais recente aquisição: uma enorme tartaruga. A ideia de comprá-la lhe veio ao examinar seu novo tapete, trazido do Oriente, tecido em lã com fios de prata, cujos reflexos atravessavam seus tons de amarelo e ameixa. Decidiu que seria adequado conjugá-lo a algo que acentuasse esta vivacidade de cores. Totalmente dominado por esta necessidade, percorreu as ruas parisienses até que encontrou numa vitrine o imponente réptil.
- 2 Entretanto, ao colocá-la sobre o tapete, frustrou-se. A coloração castanho-escura do animal apagava totalmente as belezas do tapete. Novamente perturbado pela resolução deste complexo problema, des Esseintes finalmente decidiu-se pela estratégia contrária: fazer reluzir sua tartaruga que, ao andar sobre o persa, o iluminaria. Mandou revestir sua couraça de ouro.
- 3 De início, encantou-se com o efeito. Pouco depois, estava descontente novamente. Resolveu incrustar o casco com pedras preciosas. Em formato de flores. Escolheu-as uma a uma.
- 4 O dia-a-dia do duque era permeado destas preocupações. Aborrecia-se e alegrava-se num continuum infinito. Nunca estava satisfeito. “Por mais que tentasse, um tédio imenso o oprimia” (Huysmans, 1987, p. 37). Quando residia na Paris superpovoada, desejava a solidão; uma vez que a conquistara indo morar no campo, sentia uma angústia assustadora, sonhava com o tumulto da multidão urbana.
- 5 Para fugir desta prostração que o afligia, des Esseintes oferecia jantares retumbantes. Em uma dessas oportunidades, promoveu um banquete de luto. A sala, mandou forrar de preto; as plantas, cobriu com pó de carvão. Sobre uma toalha negra estendida na mesa de jantar, decorada com candelabros e arranjos de violetas e escabiosas, foi servida uma refeição *sui generis*. Desfilavam em pratos pretos apenas alimentos de tons escuros: sopa de tartaruga, pão de centeio, azeitonas maduras, chouriços, molho de alçaçuz, trufas, chocolates, amoras e ginjas, entre outras iguarias. Saboreou, com seus convivas, vinho tinto e Porto, além de café, licor de nozes e cerveja stout. Ao fundo, uma orquestra entoava marchas fúnebres.

- 6 O passatempo sinistro não era mais que umas das fabulosas excentricidades de des Esseintes. Necessitava, obsessivamente, matar o tempo. Apenas alguns anos antes da publicação de *Às avessas*,² Baudelaire afirmara: “Matar um tal monstro não é exatamente a ocupação mais comum e a mais legítima de cada um de nós?” (1995, p. 133).

A multidão e o progresso

- 7 Atormentado pelo spleen, obcecado pelas últimas novidades, o personagem criado por J. K. Huysmans é a representação de um homem de seu tempo. Com forte carga irônica, é verdade, mas não de todo exagerada. Quando des Esseintes perambula nervosamente pelas ruas de Londres, parando aqui e ali, por interesses momentâneos e fugazes, reproduz, a sua maneira, o caminhar do “Homem da multidão”, de Edgar Allan Poe. Salvo as diferenças de classe, os dois são tipos típicos dos grandes centros urbanos do século XIX. Ao duque, chama a atenção a aparência dos ingleses, vestidos de preto ou cinza, todos iguais – um deles, certamente, poderia ser o homem de Poe. Esta figura enigmática, errante, seguida de perto pelo protagonista do conto, não oferece pista sobre sua identidade. Tudo o que faz é andar, tudo o que fazemos é segui-lo. Ele é mais um na massa, aquele do qual se desvia, que atravessa a via ao seu lado. Ele é aquele que “recusa estar só” (Poe, s/d, 243), que desaparece entre seus pares, absorvido por esta força inexplicável e tão presente na literatura dos oitocentos: a multidão.
- 8 E falar em multidão, em meados do século XIX, não é, em absoluto, força de expressão. Apesar de a maior parte da população europeia viver e trabalhar ainda no campo, as hordas migratórias (e imigratórias) que invadiram as cidades foram impressionantes para os homens da época.
- 9 Em 1801, em todo o continente, não havia mais de 23 cidades com mais de 100.000 habitantes, agrupando menos de 2% da população da Europa. Em meados do século, seu número já se elevava para 42; em 1900 eram 135 (...). Quanto às cidades de mais de 500.000 habitantes, que, na época, pareciam monstros, só existiam duas no início do século XIX, Paris e Londres (Rémond, 2004, p. 137).
- 10 Essa população se espalhava desordenadamente no perímetro limitado das cidades, que ainda mantinham estrutura e traçado medievais. Mas a possibilidade de conseguir um emprego assalariado e estável continuava a levar turbas campesinas a um êxodo extraordinário. O crescimento demográfico foi arrebatador e generalizado. Com a instalação de indústrias têxteis, novas vilas “brotavam do solo” (Engels, 1985, p.18) no meio do nada e se tornariam verdadeiros centros urbanos, como Manchester e Liverpool, que, juntas, contavam com 700.000 habitantes na década de 1840 (Engels, 1985, p.18). Portanto, o fenômeno da superpopulação não era restrito a Paris ou Londres, ainda que se manifestasse de forma mais contundente nestes lugares.

Na década de 1850, Londres e Paris já contavam com mais de um milhão de habitantes. Entre 1850 e 1870 a população do centro parisiense (excluindo as áreas suburbanas) cresceu perto de 25%, de cerca de um milhão e trezentos mil a um milhão e seiscentos e cinquenta mil. O tráfego de carroças triplicou ou quadruplicou (Berman, 2004, p.153). Na Inglaterra, precisamente em 1851, a população urbana ultrapassava a do campo, constituindo 51% do total – é o primeiro local onde este processo ocorre em um mundo ainda predominantemente rural (Hobsbawm, 2000, p. 54).

- 11 Em 1870, havia 25 cidades com mais de 200 mil habitantes – que eram consideradas grandes cidades. Estavam espalhadas pelo Reino Unido, Alemanha, França, Espanha – e havia pelo menos uma em Dinamarca, Hungria, Holanda, Bélgica, na parte russa da Polônia, Romênia e Portugal. Pode-se dizer que, de maneira geral, a experiência de se viver em um centro urbano superpovoado era bastante acessível. São Petersburgo, Constantinopla, Moscou, Glasgow, Liverpool e Manchester tinham mais de meio milhão. Berlim e Viena também atingiam a marca de um milhão (Hobsbawm, 2000, p. 78).
- 12 Na década de 1880, Paris tinha quase 2 milhões de pessoas; destas, 65% eram imigrantes (Hobsbawm, 2000, p. 289). Londres era ainda a maior e mais populosa capital, tendo atingido a marca dos 2 milhões e meio de habitantes desde 1848. Nada indicava que nos anos seguintes esses números se estabilizariam ou cairiam, muito pelo contrário (Hobsbawm, 2000, p.294). Estas eram, provavelmente, as cidades “enormes” a que se referia Baudelaire em *Spleen de Paris*³.
- 13 O crescimento demográfico acompanhava a industrialização feroz que correu a Europa. A Inglaterra saíra na frente com os desenvolvimentos técnicos ocorridos desde, pelo menos, 1780, sendo a principal líder em exportações. Sua produção de têxteis em meados do século XIX era quinhentas vezes maior que na primeira década (de 40.000.000 jardas para 2.000.000.000). Na década de 1840, exportava 170 milhões de libras para todo o continente e ainda para a América. Este número só aumentava:
- Nunca as exportações inglesas cresceram tão rapidamente quanto nos sete primeiros anos da década de 1850. Entre esta década e a seguinte, a taxa duplicou. O número de máquinas de algodão cresceu de 100 mil, entre os períodos de 1819 a 1821 e 1844 a 1846, para o dobro disso na década de 1850 (Hobsbawm, 2000, p. 57).
- 14 A tecnologia aplicada aos tecidos era cada vez mais sofisticada e, em poucos anos, já era possível tecer em máquinas, além das fazendas em algodão, também a lã e o linho (e mais tarde a seda e a renda). Outros processos que iam se mecanizando eram os de branqueamento, tingimento e estamparia, o que barateava absurdamente estes produtos. Além dos tecidos, cada vez mais a economia inglesa dependia do carvão, sua maior fonte de combustível, e do ferro, matéria-prima para as máquinas, ferrovias e pontes. A quantidade de ferro exportada pela Inglaterra mais que triplicou em apenas 25 anos (de um milhão e 200 mil toneladas para 4 milhões, entre 1848 e 1875). No mesmo período, o maquinário ferroviário vendido passou de 5 milhões de toneladas para 44 milhões. Em 1870, França e Alemanha produziam entre uma e duas toneladas cada uma, o que era bastante expressivo (Hobsbawm, 2000, p.67).
- 15 O crescimento econômico não parecia ser um fato isolado, limitado à Inglaterra, também acontecia em outras regiões.
- Para onde olharmos, evidências similares da grande expansão podem ser encontradas. A exportação de ferro da Bélgica mais que duplicou entre 1851 e 1857. Na Prússia, entre 1851 e 1857, 115 companhias de ações, excluindo as companhias de estradas de ferro, foram abertas (Hobsbawm, 2000, p.298).
- 16 Uma fábrica alemã que, em 1848, empregava 72 operários passou a 12 mil vagas em 1873⁴. Estradas de ferro se multiplicavam por todos os lugares, assim como máquinas industriais também aos poucos se difundiam. Na Suíça, havia não mais que 34 máquinas instaladas em indústrias em 1850, mas em 1870 elas eram quase mil; na Áustria, o número subiu de 671 (1852) para 9160 (1875). O total da força a vapor na Holanda multiplicou-se por treze vezes (Hobsbawm, 2000, p.68).

- 17 As taxas de emprego cresceram vertiginosamente por toda Europa (Hobsbawm, 2000: 55). Em todos estes setores, eram necessários braços trabalhadores. Ferrovias cruzavam o continente. Os meios de comunicação, cada vez mais rápidos, dinamizavam a informação jornalística. O progresso era, inevitavelmente, a crença da maioria. Ninguém duvidava do progresso, tanto material como intelectual, já que parecia óbvio demais para ser negado (Hobsbawm, 2000, p.351). As economias deslanchavam devido à rápida industrialização, que levava a altos índices de exportações. O entusiasmo com a indústria era generalizado e se desdobrava nas inúmeras e grandiosas Exposições Internacionais, incluídas em qualquer roteiro turístico para a classe média. Era o triunfo do liberalismo burguês.

A melancolia e a perda de si

- 18 Mas toda a beleza da vida moderna é inseparável de sua miséria. A polarização social parecia mais gritante do que nunca. As classes trabalhadoras sentiam o poder predador do capitalismo, seu lado mais sinistro. O paradoxo do crescimento industrial era dado pelas condições subumanas de vida do operariado. Apesar dos apelos dos incipientes movimentos sindicalistas, as jornadas de trabalho eram longuíssimas, chegando a 17 horas por dia, em galpões úmidos e de iluminação precária. Amontoados nas linhas de montagens, homens, mulheres e crianças de várias idades dependiam da boa vontade de capatazes e chefes para as pausas e refeições. A massa de desempregados à espera de qualquer vaga por qualquer pagamento mantinha o nível dos salários sempre baixo (o que Marx chamou de “exército industrial de reserva”, n’O Capital). Moravam em cortiços nos centros das cidades ou em bairros operários.
- 19 Escusado, aqui, tentar uma descrição destas deploráveis habitações. Friedrich Engels, um dos que mais se empenharam em traduzir em textos a realidade do proletariado inglês da sua época (não apenas em Londres, mas nas principais cidades e distritos industriais da Inglaterra), não economizou em termos como fétido, nauseabundo, imundície, entulho, sujeira, charco, lama, pocilga, sórdido, repugnante - entre outros. A leitura de A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, de 1845, é, neste sentido, mais do que elucidativa. A população campesina que sonhava com empregos estáveis e invadia as grandes cidades formava, em sua maioria, essa massa marginalizada.
- 20 Em Paris, o espetáculo da miséria fora ainda mais revelador quando das reformas urbanas ocorridas a partir de 1859. A haussmannização foi particularmente cruel ao desabrigar milhares de pessoas, principalmente trabalhadores artesãos, em prol de um plano de abertura de grandes vias e boulevares, o qual visava, em especial, a contenção de barricadas. Também serviria para melhorar o tráfego de carroças, que crescera rapidamente e precisava de passagens maiores – as novas mediam de 70 a 100 metros de largura (Berman, 1987, p.153). Foram construídas calçadas mais largas, o que era uma raridade em cidades que, às vezes, contavam com 4 ou 5 séculos de existência.
- 21 Ao se transformar Paris em um canteiro de obras, diminuíram as distâncias entre as classes, ainda que temporariamente, já que muitos simplesmente não tinham para onde ir e perambulavam pelas ruas. Em Os olhos dos pobres, de Baudelaire, o casal apaixonado, descansando em um café instalado em um desses novos boulevares “todo ainda sujo de entulho”, depara-se com uma família muito pobre, “todos em farrapos”. O constrangimento é inevitável. E, como mostra o conto, algumas decepções também⁵.

- 22 Nas cidades superpovoadas dos oitocentos, novas ou medievais, a pobreza total caminhava ao lado da abundância. As vias públicas eram os locais, por excelência, da percepção da alteridade – e também, da perda da subjetividade. É esse o fascínio e também o terror da multidão: apesar de tão diferentes, são todos iguais e anônimos. Hordas de desconhecidos que se misturam, de todas as proveniências, de todas as idades, ofício, status social. O operário esgotado e mal pago caminha ao lado de empresários, que cruzam com indigentes subnutridos. Não se conhecem, mas coexistem. Não se pode pensar em nenhuma classe, em nenhuma forma de coletivo estruturado. Não se trata de outra coisa senão de uma multidão amorfa de passantes, de simples pessoas nas ruas (Benjamin, 1989, p.113.) Experimentar a cidade é locomover-se na multidão, onde todos estão sós. A vida moderna impõe este paradoxo da superpopulação com a melancolia, a extrema solidão. O isolamento do indivíduo é um dos pressupostos da sociedade industrial:
- 23 A multidão das ruas tem, por si só, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Estas centenas de milhar de pessoas, de todos os Estados e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão todas seres humanos possuindo as mesmas qualidades e capacidades e o mesmo interesse na procura da felicidade? E, contudo, estas pessoas cruzam-se apressadas como se nada tivessem em comum, nada a realizar juntas, e a única convenção que existe entre elas é o acordo tácito pelo qual cada um ocupa a sua direita no passeio, a fim de que as duas correntes da multidão que se cruzam não se constituam um obstáculo; e, contudo, não vem ao espírito de ninguém a idéia de conceder ao outro um olhar sequer. Esta indiferença brutal, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio de seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocantes quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço (Engels, 1958, p. 36).
- 24 A igualdade entre os homens, na sociedade democrática, parecia ser, de fato, um princípio relativo. Eram iguais enquanto massa, mas esta era formada por indivíduos atomizados. Eram iguais nas fábricas, trabalhando como autômatos uniformizados.
- 25 Indiferença total àqueles que passam, a concorrência entre os indivíduos por trabalho, o caos, o cansaço: consequências amargas da vida moderna. Some-se ainda a profunda laicização da sociedade e, com ela, a perda de crenças que confortam. O desapego às coisas espirituais se converte em seu oposto. O consumo se tornava o grande refúgio, a válvula de escape das frustrações e da tristeza.

O consumo e a moda

- 26 No século XIX, tudo converge ao consumo. Assim como o surgimento da massa é simultâneo ao da produção em massa (Benjamin, 1989, p. 161), também os grandes boulevares permitem a construção de vitrines nas lojas, uma ao lado da outra, acompanhando as vias. Ao caminhar na calçada, o transeunte ainda poderia observar as ofertas. Osmagasins de nouveautés, precursores das lojas de departamentos, são os espaços em que se entrava para admirar a mercadoria exposta. O mesmo ocorria nas Exposições Universais, que elevavam o produto industrial ao estatuto de obra de arte. Eram as opções para entretenimento gratuito e público, verdadeiras atrações para os moradores locais e para os visitantes.

- 27 Agregada à mercadoria, a moda. Se o motor do capitalismo é o consumo, ele deve ser constantemente estimulado. Assim, tudo nasce para ser ultrapassado; tudo o que é construído traz, em si, sua destruição. Nada é feito para durar, ainda que seja solidamente planejado (Engels admirou-se em saber que as habitações operárias construídas em Manchester eram planejadas para durar apenas 40 anos [1985, p. 71]). O imutável – antiquado, aristocrático – não tem valor. No capitalismo, ser novo é qualidade principal, independente de sua forma e conteúdo. A novidade, ao cessar seu primeiro ímpeto, deve ser rapidamente substituída por outra.
- 28 Ora, o novo é, em si, o próprio espírito da modernidade. E a moda é esse sempre-novo, a promessa futura do bom-gosto e da beleza, valor imaterial agregado a algo e que o torna, repentinamente, especial. Captar a última novidade, a última moda, que é a efemeridade por definição, é o ápice de “ser moderno”⁶. É ser do seu tempo absolutamente, uma vez que o que pertence a um momento é só dele, só caracteriza a ele – no momento seguinte, está demodé. O que me agrada encontrar em todas ou quase todas gravuras de moda é a moral e a estética de um tempo, afirmava Baudelaire em 1863 (2006, p.8). Consumir moda é alimentar-se da fantasmagoria – do fetiche – de um produto. A moda prescreve o ritual segundo o qual o fetiche, que é a mercadoria, deseja ser adorado (Benjamin, 2006, p.58). É o eterno retorno do novo, tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do “mais uma vez” (Benjamin, 1989, p. 169-174).
- 29 A fome impetuosa de se consumir o que se sabe que perecerá também é causadora de angústia. É o querer sempre mais e, no limite, não saber o que se quer, pois a cada instante deve-se desejar algo novo e diferente. É o sofrimento de des Esseintes: a incompletude, uma insatisfação perene, um eterno descompasso.
- 30 A moda é morte constante, transitoriedade. Tal como a vida humana. É o destino trágico das coisas do mundo, das pessoas, dos relacionamentos. A mercadoria revela, portanto, a banalidade da própria existência. Condenados a circular pelo mundo, pelas cidades, pelos boulevares, até a hora de sua aniquilação: tal são os homens e os objetos.

O preto e a morte

- 31 A relação entre a moda e a morte, no século XIX, era estreita. Giacomo Leopardi fala que ambas estão intrinsecamente ligadas: são irmãs, filhas da Efemeridade.⁷ Mas, para além desses simbolismos, havia, de fato, uma manifestação de morte na moda vitoriana, cabe dizer, no vestuário masculino. A partir da década de 1820, e com particular rapidez depois de 1840, a indumentária dos homens urbanos escurecia, predominando os tons de cinza e preto. Na segunda metade do século, o negro prevaleceu e se tornou a cor padrão dos trajes masculinos, um monocromatismo que atingiu todas as peças: calças, paletó, colete, sobrecasacas, gravatas, cartolas.
- 32 De maneira geral, a roupa masculina sofrera, naqueles anos, um irreversível processo de simplificação na modelagem. A perda das cores teria, em larga medida, acentuado essa tendência e, em contraposição ao espalhafatoso, colorido e volumoso vestuário feminino, a moda masculina tornava-se mais funcional, retilínea e escura.
- 33 O que chama a atenção é que o preto não era uma cor da moda, pelo contrário, sua utilização era bastante estrita e nunca uma voga. No Antigo Regime, servia para destacar as fronteiras entre a aristocracia e a burguesia protestante. Ou ainda, era a cor da toga

dos magistrados e de algumas ordens religiosas, como a beneditina. Seu uso irrestrito ocorria em situação bastante específica: no luto.

- 34 Pelo menos desde o fim da Idade Média, o preto havia sido eleito a cor dos serviços fúnebres oferecidos pela Igreja. Tanto clérigos quanto familiares do morto adotavam-no nas cerimônias. Assim, o preto permaneceu intrinsecamente ligado à morte durante todos os séculos da era moderna. No século XIX, pós-Revolução Francesa, passava a ser considerado como a moda masculina, a cor adequada aos homens: transmitia seriedade, retidão de caráter.
- 35 Mas não era só isso. O preto, total, usado em todas as peças, elimina a identidade. Simboliza a perda da beleza, o desencanto consigo mesmo. Cobre o corpo da neutralidade, o corpo da impessoalidade. Os homens da multidão vestem-se de preto: são iguais e anônimos. Tal uniformidade foi emblemática do triunfo do funcionalismo, do trabalho, da praticidade. Era, sobretudo, um emblema democrático: a cor neutra e a modelagem simplificada, aliadas à padronização industrial dos tamanhos, serviram para forjar a imagem de uma sociedade de iguais. A roupa passa a ser um nivelador, indicando a igualdade política entre os homens e, por extensão, a morte da individualidade. Vestidos, todos, de preto-luto, atravessam as cidades como se participando de um interminável cortejo fúnebre – tal como Baudelaire descreve no Salão de 1846:
- Remarquez bien que l'habit noir et la redingote ont non seulement leur beauté politique, qui est l'expression de l'égalité universelle, mais encore leur beauté poétique, qui est l'expression de l'âme publique; – une immense défilade de croque-morts, croque-morts politiques, croque-morts amoureux, croque-morts bourgeois. Nous célébrons tous quelque enterrement. (Baudelaire, Salão de 1846)
- 36 O século XIX foi repleto de práticas fúnebres. As visitas aos cemitérios e necrotérios públicos eram considerados passeios que entretinham toda a família (Schwartz, 2009, p.339). A proximidade com o óbito era um fato, já que este ocorria, via de regra, dentro das casas, na presença de todos, inclusive das crianças. O retrato mortuário, o uso de mementos dos entes queridos em jóias (mechas de cabelo, dentes, pequenos ossos) e os lutos rigorosos e longuíssimos⁸ talvez sejam manifestações mais evidentes do profundo apego aos mortos que a época vitoriana desenvolveu.
- 37 Mas o imaginário acerca da morte era também variado. Na literatura, aparece em fabulações a respeito do sujeito cindido, fragmentado, como nas histórias dos personagens que entram em conflito com suas sombras ou, ainda, que sofrem a existência de seu duplo⁹. Foi explorado em seu aspecto mais corpóreo, material¹⁰. O homem cuja existência encontra-se nas fronteiras entre a vida e a morte, como o vampiro,¹¹ também aparece recorrentemente, assim como os questionamentos acerca do homem-máquina, o autômato cuja vida artificial problematiza a própria condição humana¹².
- 38 Nas telas de Manet, a vida se reveste de morte. Suas figuras ausentes, inexpressivas, são as mesmas que circulam pelas cidades. São solitárias, oprimidas pelo trabalho e pela melancolia, coisificadas como mercadorias. Suas fisionomias são vazias, seus olhares não se encontram. Alienados de si mesmos, os sujeitos pintados por Manet pertencem à massa, à multidão, esbarram-se sem se ver, não têm nome ou identidade. As garçonetes que servem, os senhores que bebem, o casal que passeia, a senhora que patina, a outra que lê... De onde vêm? Para onde vão? Quem são...? (Martins, 2009, p. 104).

BIBLIOGRAFIA

- BAUDELAIRE, Charles. Le salon de 1846. (texto integral disponível em <http://baudelaire.litteratura.com/?rub=oeuvre&srub=cri&id=13&s=1>)
- BAUDELAIRE, Charles. O spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995 [1869].
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Lisboa: Passagens, 2006 [1863].
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas III).
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006 [1982].
- BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1985 [1845].
- HOBBSAWM, Eric. A era do capital. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 [1975].
- HUYSMANS, J.K. Às avessas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1884].
- LEOPARDI, Giacomo. Dialogo della morte e della moda. In: Operetti morali. 1824-32. (<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/DIALOGODELLAMODAEDELLAMORTE.pdf>)
- MARTINS, Luiz Renato. “Cenas Parisienses”, Revista Margem esquerda, n. 12, São Paulo: Boitempo, 2009, pp. 96-105.
- RÉMOND, René. O século XIX. São Paulo: Cultrix, 2004 [1974].
- POE, Edgar Allan. Homem da Multidão. In: Histórias extraordinárias. São Paulo: Cultrix, s/d.
- SCHWARTZ, Vanessa. “O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris do fim do século”, In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa (orgs). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

NOTAS

1. Personagem principal do romance *Às avessas*, de 1884, escrito por J. K. Huysmans.
2. No *Spleen de Paris*, de 1869. *Às avessas* foi publicado em 1884.
3. Na dedicatória a Arsène Houssaye, ao justificar seu desejo em confeccionar uma prosa poética: É principalmente da frequência das cidades enormes, é do cruzamento de suas inúmeras relações que nasce este ideal obsedante (Baudelaire, 1995, p.16).
4. Trata-se da Krupp, na cidade alemã de Essen. (Hobsbawm, 2000, p. 298)
5. Baudelaire, In: *Spleen de Paris*.
6. Muitos escritores do século XIX dedicaram-se à análise das modas de seu tempo e mesmo do significado da própria moda – Balzac e Baudelaire talvez sejam os exemplos mais importantes. Chama a atenção o caso de Stéphane Mallarmé, que editou e redigiu todos os textos da revista *La Dernière Mode*, nos seus 8 números de existência, em 1874. A publicação era inteiramente

dedicada à moda e aos “assuntos femininos”. Mallarmé escrevia sob pseudônimos variados, a maior parte dele como mulher.

7. LEOPARDI, Dialogo della Moda e della Morte. 1824-32.

8. A época vitoriana concebeu lutos extensos e regidos por etiqueta rigorosa. Viúvas deveriam permanecer em luto fechado por cerca de dois anos, mães que perdiam seus filho, por 12 meses. Após esses períodos, havia ainda outros de semi-luto. Curiosamente, o vestuário masculino não mudava nestas ocasiões, uma vez que já vestiam o luto diariamente. Para mais informações, ver: ARIÈS, Phillipe. História da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003 [1975] ou SCHMITT, Juliana. Mortes Vitorianas: corpos, luto e vestuário. São Paulo, Editorial Alameda, 2010.

9. O médico e o monstro, de R. L. Stevenson, de 1886; O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, de 1890.

10. O homem formado de pedaços mortos: Frankstein, de Mary Shelley, de 1831.

11. Drácula, de Bram Stoker, é apenas um deles, 1897.

12. Por exemplo, no conto Homem da areia, de E.T.A. Hoffmann, de 1815.

RESUMOS

Este artigo, de caráter ensaístico, analisa, em tópicos, aspectos da experiência urbana na sociedade oitocentista, buscando, nesses fragmentos, um panorama da vida moderna. Através de elementos constituintes da modernidade - a metrópole, a multidão, o consumo, a moda, o efêmero -, o texto destaca também as manifestações do spleen, da melancolia, produto inevitável da dinâmica da cidade grande.

This essay analyses some aspects of the urban experience in nineteenth century western society, looking for, in these fragments, a modern life panoramic view. Through the modernity's formers concepts (such as the metropolis, the crowd, the consumption, or fashion) this article emphasizes the manifestations of the spleen (or melancholy) as a inevitable result of living in the big cities.

ÍNDICE

Keywords: city, spleen, mourning

Palavras-chave: cidade, spleen, luto

AUTOR

JULIANA SCHMITT

Historiadora com especialização em História da Arte pela Universidade Estadual de Londrina, doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo. Pesquisadora e docente em História do vestuário na Faculdade Paulista de Artes, São Paulo.